

LIÇÃO UM

298. Como o Filósofo diz no sétimo livro *Sobre a História dos Animais*, a natureza procede gradualmente do inanimado para o animado, de modo que o gênero das coisas inanimadas é encontrado antes do gênero das plantas. Quando o gênero das plantas é comparado a outros corpos, parece ser animado, mas, comparado ao gênero dos animais, inanimado. (A natureza) procede similarmente das plantas aos animais em uma certa ordem contínua; pois certos animais imóveis, que se fixam à terra, parecem diferir pouco das plantas. Da mesma forma, na progressão dos animais ao homem, encontram-se certos animais nos quais aparece alguma semelhança de razão. Embora a prudência seja uma virtude própria do homem (pois a prudência é a reta razão concernente às coisas a serem feitas, como é dito no sétimo livro da *Ética*), alguns animais, no entanto, são encontrados participando de uma espécie de prudência. A posse da razão não é a causa disso; é antes que esses animais são movidos a realizar certas obras por um instinto natural (que opera) através da apreensão dos sentidos, como se estivessem operando pela razão. Além disso, pertence à prudência dirigir alguém por uma consideração não apenas das circunstâncias presentes, mas também dos eventos passados, naqueles cursos de ação que estão à mão. Por essa razão, Cícero, em sua *Retórica*, propõe como partes da prudência não apenas a previsão, pela qual o futuro é planejado, mas também a compreensão, pela qual o presente é considerado, e a memória, pela qual o passado é apreendido. Daí é necessário que haja também em outros animais, que mostram uma semelhança participada de prudência, não apenas um sentido para o presente, mas também uma memória do passado. Portanto, o Filósofo, no início da *Metafísica*, diz que em certos animais a memória é formada a partir dos sentidos, e por essa conta eles são prudentes.

299. Mas assim como os animais têm uma prudência imperfeita comparada ao homem, também têm uma memória imperfeita. Pois os outros animais apenas lembram, mas os homens tanto lembram quanto recordam. Portanto, Aristóteles, procedendo passo a passo, trata da memória e da reminiscência após o livro no qual considerou os sentidos que são comuns a todos os animais. Uma destas (a reminiscência) é encontrada apenas no homem, mas a outra (a memória) é encontrada tanto nos homens quanto nos animais perfeitos.

300. Este livro divide-se em duas partes: primeiro ele (Aristóteles) apresenta um prefácio no qual mostra o que propõe fazer; em seguida, procede a tratar daquelas coisas que tem em mente, nas palavras: "Primeiro, portanto, etc."

Quanto ao primeiro ponto, ele diz que duas coisas devem ser discutidas. A primeira a ser discutida é a memória, e o lembrar, que é o seu ato. Sobre a memória e o lembrar, ele promete discutir três pontos: primeiro, o que é a memória e o que é o lembrar; depois, qual é a sua causa; e, finalmente, a que parte da alma pertence a paixão do lembrar. Pois todas as operações dos sentidos são certas paixões, na medida em que sentir algo é sofrê-lo.

301. Em seguida, ele diz que discutirá a reminiscência. Mas para que a reminiscência e o lembrar não pareçam ser a mesma coisa, ele acrescenta um certo sinal de sua diferença, tomado do

homem no qual ambos são encontrados. Pois os mesmos homens não são bons em lembrar e em recordar. Antes, como frequentemente acontece, aqueles que são melhores em lembrar são lentos na descoberta e no aprendizado; aqueles, no entanto, que são rápidos em descobrir por si mesmos e em aprender com os outros, são melhores em recordar.

302. A razão para isso é que as diversas aptidões que os homens têm para as obras da alma dependem de diversas disposições do corpo. Assim, vemos nas coisas físicas que aquelas que recebem uma impressão lentamente e com dificuldade a retêm bem; por exemplo, a pedra; mas aquelas que a recebem facilmente não a retêm bem; por exemplo, a água. Ora, como lembrar não é outra coisa senão conservar bem o que uma vez foi recebido, portanto, aqueles que são lentos em receber retêm bem o que receberam, e isso é lembrar bem. Mas aqueles que recebem facilmente perdem a maior parte facilmente. A reminiscência, no entanto, é uma certa redescoberta de algo previamente recebido, mas não conservado. Portanto, aqueles que são bons em descobrir e em receber instrução também são bons em recordar.

303. Em seguida, quando ele diz: "Primeiro, de fato, etc.", ele executa sua proposta. Primeiro ele explica o lembrar; depois, a recordar, nas palavras: "Sobre a reminiscência, o que resta dizer é, etc." Quanto ao primeiro, ele faz três pontos: mostra o que é o lembrar; depois, a que parte da alma pertence, nas palavras: "Pois da imaginação, etc."; e, finalmente, a causa pela qual opera, nas palavras: "No entanto, alguém poderia questionar, etc."

Agora, como potências, hábitos e operações são especificados por seus objetos, ele faz uma dupla consideração sobre o primeiro assunto; a saber, a memória. Primeiro ele investiga o objeto da memória; em seguida, conclui definindo-o, nas palavras: "A memória, portanto, é, etc." Sobre o objeto da memória, ele discute duas coisas. Primeiro ele declara sua intenção; depois mostra o que propôs fazer, onde diz: "Nem o futuro, etc." Ele diz, portanto, que para alcançar conhecimento sobre a memória é necessário primeiro descobrir que tipo de coisas são objetos da memória. (Ele segue esta ordem) porque os objetos são anteriores aos atos, e os atos às potências, como foi dito no segundo livro *Sobre a Alma*. É necessário alcançar este conhecimento porque o engano ocorre frequentemente neste ponto, já que algumas pessoas dizem que a memória é sobre coisas das quais não é.

304. Em seguida, quando ele diz: "Pois nem, etc.", ele mostra o que propôs fazer (a saber, determinar o objeto da memória). Primeiro ele diz que a memória não é de coisas futuras, e depois que não é de coisas presentes, nas palavras: "Nem do presente, etc." Finalmente (ele determina que a memória) é de coisas passadas, nas palavras: "A memória é do que foi completado, etc."

Ele diz que o lembrar não é de coisas futuras. Antes, temos opinião de coisas futuras por parte das faculdades cognoscitivas, quando, por exemplo, alguém opina que algo vai acontecer. Por parte das faculdades apetitivas, então, há esperança, pois a esperança tende a algum evento futuro em algum momento. Ele diz, além disso, que pode até haver uma certa ciência de eventos futuros, que seria uma ciência que prediz. Algumas pessoas chamam isso de adivinhação porque podem saber por ela o que poderia acontecer no futuro, sobre o qual há expectativa. Mas como a esperança é de coisas futuras que o homem pode obter, enquanto os eventos futuros dos quais falamos são contingências futuras, e destas não pode haver ciência, parece que não pode haver nenhuma ciência que prediz o futuro.

305. Devemos acrescentar que não pode haver ciência das contingências futuras consideradas em si mesmas, mas quando essas contingências futuras são examinadas em suas causas, pode haver uma ciência delas, na medida em que algumas ciências sabem que certas coisas estão confinadas (a produzir) determinados efeitos. Este é o modo pelo qual a ciência natural considera as coisas geráveis e corruptíveis. De maneira semelhante, os astrólogos, por sua ciência, podem fazer previsões sobre eventos futuros esperados. Por exemplo, (eles podem fazer previsões) sobre fertilidade ou esterilidade, por causa das posições dos corpos celestes que influenciam tais efeitos.

306. Então, quando ele diz: "Nem do presente, etc.", ele mostra que a memória não é do presente. Mas ele diz que o presente pertence aos sentidos, pelos quais não conhecemos nem o futuro, nem o que está completo, ou seja, o passado, mas apenas o presente.

307. Em seguida, quando ele diz: "A memória, no entanto, etc.", ele explica que a memória é de coisas passadas. A prova disso ele tira do uso comum da linguagem. Quando um objeto está presente; por exemplo, quando alguém está vendo um objeto branco no momento, ninguém diria que se lembra do objeto branco. Da mesma forma, ninguém diz que se lembra do que está realmente considerando intelectualmente, quando está realmente considerando e entendendo isso. Mas comumente, quando os homens veem um objeto branco, dizem que o sentem, e considerar algo atualmente é chamado apenas de conhecer. Mas quando alguém tem conhecimento habitual e uma faculdade sensitiva sem suas operações ou atos, diz-se então que se lembra de atos passados; quando, por exemplo, ele apreende intelectualmente que um triângulo tem três ângulos iguais a dois ângulos retos e talvez veja sensivelmente o contorno da figura. Do lado da operação intelectual, ele se lembra porque aprendeu de outro ou porque pensou por si mesmo; do lado da apreensão sensível, ele se lembra porque ouviu, viu ou percebeu por algum outro sentido. Pois em toda instância em que a alma se lembra, ela afirma que ouviu, sentiu ou entendeu algo primeiro.

308. Pela exposição anterior, fica evidente que o Filósofo não pretende dizer que a memória não pode ser de coisas que estão no presente, como se fosse apenas daquelas que estavam no passado. Pois os homens podem se lembrar não apenas daquelas pessoas que morreram, mas também das vivas; e alguém pode até ser dito lembrar-se de si mesmo, como escreveu Virgílio: "Ulisses suportou, nem o Itacense naquela grave aflição se esqueceu de si mesmo." Com isso, ele quer que se entenda que Ulisses se lembrava de si mesmo. Assim, a intenção do Filósofo é afirmar que a memória é do passado em relação à nossa apreensão; ou seja, previamente sentimos ou entendemos alguns objetos, e não faz diferença se essas coisas consideradas em si mesmas estão no presente ou não.

309. Então, quando ele diz: "A memória é, portanto, etc.", ele conclui do que foi dito o que é a memória. A memória não é sentido, porque o sentido é apenas do presente, nem opinião, que pode pertencer ao futuro. No entanto, a memória deve pertencer a algo desses, seja pelo modo de um hábito; por exemplo, se é algum poder permanente, ou pelo modo de uma paixão; por exemplo, se é uma impressão transitória. Agora, é assim que a memória pertence ao sentido ou à opinião: quando algum período de tempo intervém entre a apreensão anterior dos sentidos ou da opinião intelectual e a memória subsequente deles, então é possível ter memória da apreensão passada. Pois, como dissemos, uma coisa que é apreendida agora não pode ser lembrada no 'agora'. É o sentido que é do presente, a esperança, claro, do futuro, e a memória do passado. Assim, é

necessário que, para tudo o que é lembrado, haja algum tempo intervindo entre a memória e a apreensão anterior.

310. Da análise anterior, ele conclui que apenas os animais que sentem o tempo podem se lembrar; e eles se lembram pela parte da alma pela qual sentem o tempo. Sobre isso, ele investiga na seção seguinte.

Revision #2

Created 8 October 2026 22:08:55 by Admin

Updated 8 October 2026 22:15:49 by Admin